

Espaço e Tempo: O Turismo e a Valorização do Patrimônio Histórico-Cultural desde o Sertão Roseano

Space and Time: Tourism and the Valorization of Historic-Cultural Heritage of the Sertão de Guimarães Rosa

MARIA LUIZA GROSSI ARAÚJO¹, DIOMIRA MARIA CICCII PINTO FARIA², SERGIO DONIZETE FARIA³

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v9i4p589>

RESUMO⁴

A Unesco tem criado instrumentos para o entendimento do patrimônio cultural e sua salvaguarda. Princípios e orientações dessa organização sugerem que a noção de patrimônio cultural não pode estar dissociada do referencial histórico que atribui valor ao tempo e à duração da história. O texto propõe uma discussão histórico-cultural da formação territorial do Sertão – região do Brasil inserida no cerrado do estado de Minas Gerais. Procura estender o turismo para a valorização do patrimônio histórico-cultural do Sertão na obra literária de João Guimarães Rosa (JGR). O arranjo teórico-conceitual da noção de tempo histórico, espaço geográfico, e patrimônio histórico-cultural circunscrevem a análise na escala regional do sertão roseano reconstituído a partir do “*caminho da boiada*”, viagem empreendida por JGR em 1952. As categorias braudelianas de *longa duração* (os aspectos estruturais), *média duração* [os aspectos conjunturais] e *curta duração* [o tempo presente dos acontecimentos] atravessam a espacialidade regional deste território mediado pela *poese* literária e as contradições

¹ **Maria Luiza Grossi Araújo** – Doutora. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8487944199191693>. E-mail: mlgrossiaraujo@gmail.com

² **Diomira Maria Cicci Pinto Faria** – Doutora. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6127748615734665>. E-mail: diomira@uol.com.br

³ **Sergio Donizete Faria** – Doutor. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4291462690681682>. E-mail: fariamaracai@yahoo.com.br

⁴ Artigo submetido em primeira versão à II Conferência Internacional Turismo e História (2016) e apresentado na Universidade do Algarve, Portugal.



impostas pela modernidade. A metodologia adotada retoma a ficção regionalista de JGR e a atualidade desse espaço para sua valorização patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo. Patrimônio Histórico-Cultural. Sertão. João Guimarães Rosa.

ABSTRACT

Unesco has created mechanisms for fostering the protection and understanding of the cultural heritage. Principles and guidelines of this organization suggest that the notion of cultural heritage cannot be divorced from the historical context framework that assigns value to time and duration of History. What this paper proposes is a historical-cultural discussion about the territorial formation of the Sertão (a kind of savannah) – region in Brazil located Minas Gerais. Besides it seeks to increase the tourism to develop the appreciation of the historical-cultural heritage of the Sertão since the work of João Guimarães Rosa [JGR]. The theoretical and conceptual arrangement of the notion of historical time, geographical space and historic and cultural heritage circumscribe the analysis on regional scale of the Guimarães Rosa Sertão, remade from the '*cattle path*' [caminho da boiada], trip made by JGR in 1952. The braudelian categories of *long term* [the structural aspects], *midle term* [the cyclical aspects] and *short term* [the happening present time] goes through the regional spatiality of the territory mediated by the literary poese and the modern contradictions. The methodology takes the regionalist novel written by JGR and the local landscape and culture for the cultural heritage development.

KEYWORDS

Tourism. Historical-Cultural Heritage. Sertão. João Guimarães Rosa.

INTRODUÇÃO

No livro escrito em 1946 – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*⁵ – Fernand Braudel [1902-1985] traz ao público uma análise histórica centrada no mar Mediterrâneo e suas áreas de influência geográfica na segunda metade do século XVI e século XVII. Tece uma explicação da história do mar e seu conjunto geográfico, os limites próximos e longínquos em que aparece o movimento das escalas – temporais e espaciais – da análise histórica e que funda no seu conjunto, a noção histórica da totalidade e da longa duração. O vasto mar Mediterrâneo é a personagem que fala de uma filosofia da história do conjunto segundo seus contornos geográficos. Com isso afirma a importância “da dialética da duração [...], no centro da realidade social, [...] essa oposição viva, íntima, repetida indefinidamente entre o instante e o tempo lento a escoar-se” (Braudel, 2014, p. 43). Com esse enquadramento define e analisa o conjunto globalizante desse ‘espaço líquido’ pela via da reconstrução do

⁵ Consultou-se a primeira edição brasileira de 1983.

movimentado ritmo da ‘vida real’ ali desenvolvida.

A obra inicia com a exposição histórica do tempo lento, aquele que dá arquitetura a fatos e fenômenos e estrutura uma dada realidade social que o tempo na sua duração utiliza de maneira longa. Para ele: “uma história quase sem movimento, uma história de ritmo lento com a estrutura geral, ou seja, [...] a do homem em suas relações com o meio que o cerca; uma história [...] de ciclos incessantemente recomeçados” (Braudel, 2014, p. 13-14). Em correspondência com esse arranjo, Braudel expõe sua concepção histórica da duração média. Trata-se dos fenômenos conjunturais que produzem na sociedade o ‘tempo social’ que se encontra vinculado às ‘forças de profundidade’, isto é, a dos sistemas econômicos dos ‘ciclos, interciclos e crises estruturais’ e que inauguram sistemas sociais e políticos que atuam de forma ritmada na sociedade (Braudel, 1983).

A terceira parte da obra é construída pelo que o autor denomina de uma ‘história dos indivíduos’ – o tempo presente dos acontecimentos. É a história do ritmo ‘episódico ou ocorrencial’ – a história de curta duração ou a história dos acontecimentos breves, de “um mundo bizarro, como que deslocado do seu tempo e lugar próprios, um mundo de paixões vivas, irrefletido, agitado, hostil a uma análise serena e funda [...]” (Braudel, 2014, p. 14) a não ser pelos cuidados próprios que toda pesquisa deve atender-se. Com esse arranjo teórico Fernand Braudel inaugura uma história em planos sobrepostos [o tempo da longa duração, o tempo da média duração e o tempo da curta duração], que vem da tradição da escola dos *Annales*⁶ ao ampliar as fontes da pesquisa historiográfica, em que questiona os procedimentos positivistas dos acontecimentos únicos para apostar nas relações profundas e dinâmicas da realidade social (Quintero, 1998).

Pretende-se nesse texto uma reconstrução dos múltiplos e diferenciados tempos históricos da formação territorial do Brasil e do Sertão das gerais. A partir dos marcos da temporalidade braudeliana busca-se um entendimento para valorização do patrimônio histórico-cultural do Sertão roseano – região-território inserida no centro do estado de Minas Gerais.⁴ O arranjo teórico-conceitual da noção de tempo histórico, espaço geográfico e patrimônio histórico-cultural circunscrevem a análise na escala da região-território Sertão reconstituídos a partir do ‘caminho da boiada’, viagem empreendida por João Guimarães Rosa [JGR] em 1952. Procura estender o turismo para a valorização do patrimônio histórico-cultural do Sertão e do universo do sertanejo na obra literária de JGR e as contradições impostas pela modernidade.

A metodologia adotada percorre quatro etapas. A primeira é constituída pela pesquisa bibliográfica e da seleção de texto históricos clássicos e atuais que são referencia na discussão e documentação da formação territorial do Brasil. Contudo, tem-se clareza de que não se esgota facilmente esse levantamento pela profusão deste material na historiografia do Brasil. A partir da seleção de alguns desses textos procurou-se indicar e reconstruir a noção do tempo

⁶ Em 1929 os historiadores Marc Bloch [1886-1944] e Lucien Febvre [1878-1956] encabeçaram um movimento que buscava pensar a história com referenciais menos disciplinadores. Juntamente com outros colegas das ciências humanas [Antropologia, Geografia, Economia, Sociologia e Psicologia, entre outros] criam a revista *Annales d'Histoire Économique e Sociale*, divisor de águas no pensamento historiográfico.

lento e do tempo médio da formação territorial do Brasil, especialmente no segmento territorial do Sertão Mineiro, espaço geográfico marcado fortemente pela presença do cerrado e a constituição do homem sertanejo. Referências da historiografia brasileira são retomadas, portanto, para indicar o tempo da longa e média duração a partir da concepção braudeliana. A pesquisa bibliográfica dos textos históricos procurou fazer o movimento de [re]construção da região-território objeto deste texto, o que indica a segunda etapa metodológica. O eixo temporal utilizado no texto é instrumento para referenciar o leitor pouco familiarizado com a história do Brasil ao invés de pressupor certezas.

A terceira etapa metodológica vai ao encontro da ficção regionalista de João Guimarães Rosa e a perenidade de sua literatura e o que ela reconstrói metafisicamente do Sertão e do homem sertanejo para lançarmos a tese da valorização do turismo literário inserido nessa proposta e nesse território enquanto patrimônio histórico e cultural. O ‘caminho da boiada’ é a rota imaginária e, ao mesmo tempo real retomada através das anotações feitas por JGR nas cadernetas de campo⁷ em que minuciosamente registra suas impressões, *poese*, sensibilidades e acontecimentos de toda ordem e que servirá de matéria prima para o escritor na edificação de sua obra literária. Paralelamente, percorremos passagens do *Grande Sertão: Veredas*. A quarta etapa metodológica é a construção de uma cartografia que procura indicar geograficamente ao leitor a região-território do Sertão roseano.

TERRA DE SANTA CRUZ: O SÉCULO XVI E XVII OU O TEMPO QUASE IMÓVEL

A partir dos primeiros dias do descobrimento da ‘ilha de Vera Cruz’, em seguida, ‘terra de Santa Cruz’ em 22 de abril de 1500, têm-se os primeiros registros do feito em carta enviada a D. Manuel I pelo escrivão da frota⁸ comandada por Pedro Álvares Cabral. Depois de navegarem pelo ‘mar de longo’⁹, fundearam a seis léguas da terra num ‘porto bom e seguro’.¹⁰ No dia seguinte, fazem o reconhecimento das gentes que se ajuntaram na praia. A Carta é o registro do descobrimento da nova terra, do encontro com a terra *brasilis*, o que mais tarde constituiria o Brasil.

É consenso entre historiadores que os primeiros trinta anos da história do Brasil se fez lentamente – tempo quase imóvel. Havia uma dependência à natureza tropical, da mesma forma, exigia-se que colonizadores mantivessem com as populações autóctones¹¹ uma

⁷ Rosa, J. G. (2011). *A boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁸ Pero Vaz de Caminha. A Carta é datada de 01 MAR 1500. Em 1817 é feita sua primeira impressão e divulgação. É considerada a certidão de nascimento do Brasil.

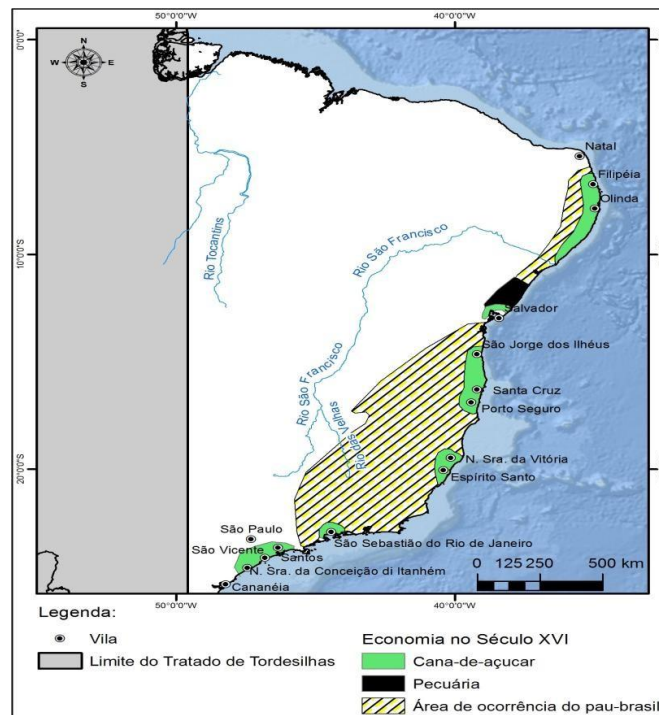
⁹ Oceano Atlântico.

¹⁰ Atual baía de Cabralia, no estado da Bahia, nordeste do Brasil.

¹¹ Pesquisas arqueológicas indicam que o atual território brasileiro desde há 12 mil anos ou mais já possuía populações paleoíndias. Constata-se a presença de sociedades complexas com desenvolvimento tecnológico e artístico da cerâmica e organização social. Questiona-se dessa maneira a representação colonial de uma sociedade simples, guerreira e constituída de caçadores e coletores (Oliveira & Freire, 2006).

aproximação cordial para sua própria sobrevivência.¹² O escambo, uma das formas de contato do português com os indígenas, desconhecido do sistema social tupi-guarani, introduziu guerras inter tribais pela disputa por ferramentas e quinquilharias (Del Priore & Venancio, 2010). No limite, a prática e relatos de antropofagia, temida entre colonizadores, “exacerbaram a diferença na experiência humana” (Oliveira & Freire, 2006, p. 17). Cria-se no imaginário coletivo a ideia de selvageria e paganismo associada aos indígenas e que deveria ser sanada no processo civilizatório.

Figura 1 - Atividades econômicas na terra de Santa Cruz Século XVI



Fonte: Faria, S. D. & Luiz, C. H. P. Atlas Histórico Escolar, FENAME/MEC.

Após 1530, D. João III [1502-1557] empreende nova estratégia imperialista para ocupação da colônia. Em 1532 funda a primeira vila, São Vicente, e em 1534 a vila de Santo André. No mesmo ano, implanta as capitânicas hereditárias.¹³ Donatários como Duarte Coelho e Martin Afonso de Souza trazem para a colônia sementes, famílias, gado, animais de tração, artesãos, e “escravos africanos para o trabalho do eito e da bagaceira” (Del Priore, 2000, p.18). A chegada dos primeiros donatários imprime ao processo de colonização maior dinamismo ao mesmo tempo em que aprofunda a violência contra as populações autóctones. Considerados entraves à ocupação das terras e força de trabalho, o apressamento indígena – a caça e a escravidão –

¹² Nos primeiros trinta anos do projeto colonizador, as relações de mando e poder se estabeleceram como controle das populações autóctones.

¹³ Projeto geopolítico lançado por D. João III que estabelecia circunscrições territoriais e administrativas na colônia (Barbosa, 1985).

pelas ‘guerras justas’¹⁴ é justificada. Surgem às reduções jesuíticas em que os ‘soldados de Cristo’ procuraram catequizar os indígenas. A ocupação do litoral se expande até o nordeste do Brasil graças à profusão das classes sociais, o aumento da força de trabalho escravo dos ‘negros da terra’¹⁵ e a criação de núcleos urbanos. Com o insucesso das capitânicas hereditárias¹⁶, em 1549 cria-se o governo geral. Aprofunda-se a fragmentação em relação à população autóctone.¹⁷ No ano de 1548, “o governador Tomé de Souza¹⁸ instruía seu governo dobrar os índios hostis aos portugueses [...]” (Del Priore & Venancio, 2010, p.17). Registra-se ainda o ‘poder desarticulador das doenças’, que entre 1562 a 1565 teria dizimado mais de 30.000 índios (Oliveira; Freire: 2006).

Espremidos entre a história autônoma dos seus povos e a imposição das regras colonizadoras, levadas de famílias indígenas em ondas de êxodo fugiram rumo aos sertões brasileiros. Diversificam-se na colônia os negócios da metrópole portuguesa. O primeiro século desde a descoberta do Brasil é marcado pelo tempo lento comandado pelo desconhecido, além das tentativas em fazer da nova terra, um espaço vinculado às forças produtivas que atravessariam o imenso ‘mar longo’ rumo a Portugal.

ENTRADAS E BANDEIRAS: O GADO, O OURO E A OCUPAÇÃO DO SERTÃO: O TEMPO DA MÉDIA DURAÇÃO

O desejo de obter fortunas com os metais e pedras preciosas não deixou de perseguir o imaginário dos colonizadores. As notícias da riqueza em prata e ouro na América Espanhola estimularam expedições para esse propósito.¹⁹ A foz dos rios abria os caminhos para o Sertão. Em 1553, Tomé de Souza (1549-1553) concede a Francisco Brusa de Espiñosa e João de Azpilcueta Navarro carta para entrar no Sertão baiano. A entrada de exploração aconteceu pelo rio São Francisco. Não alcançou o objetivo de encontrar metais preciosos, no entanto, percorreu 350 léguas Sertão adentro, o equivalente aproximadamente a 2.100 quilômetros (Tapajós, 1944). Daí para frente, dezenas de entradas aconteceram no rio São Francisco.

O gado vindo da Bahia se espalhou e terminou por ocupar a região do São Francisco (Del Priore, 2000). A atividade agropastoril criou pelas mãos dos brancos, dos índios escravizados e mestiços o circuito econômico da pecuária que envolvia o comércio de gado que ia tocado até o estado da Bahia, o que veio a constituir os ‘Caminhos do Sertão’ (Alencastro, 2000). O rio São Francisco, com seus 2.830 quilômetros de extensão passa a ser conhecido como ‘rio

¹⁴ Jurisprudência que autorizava a coroa lusitana a lutar contra os pagãos, na sua maioria índios.

¹⁵ Forma de chamamento dos indígenas (Oliveira & Freitas, 2006).

¹⁶ A maioria das capitânicas hereditárias não chegou a ter a governança dos seus donatários.

¹⁷ “Povos e as famílias indígenas que se tornavam aliados dos portugueses eram convertidos à fé cristã, enquanto os ‘índios bravos’ [...] deviam ser subjugados militar e politicamente [...]”. (Oliveira & Freitas, 2006, p.35).

¹⁸ Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, atuou no período de 1549 a 1553.

¹⁹ Na primeira metade do século XVII, Portugal estimula a formação oficial de expedições pelo *sertão* – as entradas. Concomitantemente, expedições particulares – as bandeiras – foram formadas.

dos currais'. A expansão das fazendas e dos criadores de gado no primeiro decênio do século XVIII alcança o rio das Velhas, afluente do São Francisco. Ambos os rios se tornam referência na ocupação e estruturação da região das gerais e do abastecimento das 'minas'. A concessão de sesmarias²⁰ potencializou o processo de ocupação dos territórios contíguos a esses rios.²¹ Segundo Braz (1977), seus chefes possuíam o *status* "de verdadeiros potentados, representavam a força do rei, no sertão sem lei, sem policiamento e sem outra autoridade" (p. 39).

Dessa maneira, o rio São Francisco produz mudanças estruturais em profundidade na sociedade.²² A produção sertaneja de carnes e víveres avoluma a oferta alimentar e impulsiona o mercado do Atlântico. A atividade pastoril dá início a relações de produção menos dependentes do trabalho escravo. A lida com o gado é realizada pelos homens livres – os sertanejos – e pequeno contingente de 'escravos da terra' e, raramente, negros (Del Priore, 2000). A comercialização é feita pelos proprietários da terra; os que arrendavam terra pagavam com reses e os vaqueiros recebiam com a renda da terra. Constitui-se uma sociedade do couro (Abreu, 1998).

Concomitantemente, pelo lado sul, o ciclo do ouro tem início com a bandeira de Fernão Dias Paes Leme, no último quartel do século XVII.²³ O bandeirante permaneceu no sertão até o ano de 1681 quando teria encontrado as pedras verdes que considerou esmeraldas. Essa expedição conquista boa parte do sertão das gerais, especialmente na confluência que se encontra entre o rio das Velhas e o rio São Francisco [Figura 1]. Contribuiu para a expansão e ligação do espaço histórico-geográfico e da cultura das gerais e das minas com o movimento de ocupação que se deu com a ocorrência de ouro no ano de 1698.²⁴ Pode-se afirmar que, a conquista das terras do Sertão compreende uma 'decomposição do homem num cortejo de personagens' em 'planos escalonados', como fundamenta o pensamento braudeliano.

²⁰ Implantada no Brasil junto com o primeiro governo geral da colônia [1549], a doação de terras só poderia ser feita a pessoas interessadas e não poderiam receber terras em maior quantidade que a capacidade dela aproveitar. Na prática, as doações de sesmarias eram destinadas aos fidalgos e prestadores de serviços da coroa portuguesa no Brasil; dessa maneira, apenas alguns poucos escolhidos receberam imensas sesmarias, o que historicamente contribuiu para a concentração fundiária no Brasil (Barbosa, 1985).

²¹ Com a chegada de Tomé de Sousa seu filho Garcia de Souza d'Ávila recebe terras de pasto ao redor de Salvador. Após sua morte [1609], sua descendência – a 'Casa de Torres' – expande seu patrimônio (Del Priore, 2000). Essa família teria recebido 260 léguas de terras. Por sua vez, a família de Antônio Guedes de Brito, descendentes da 'Casa da Ponte', recebe terras na margem esquerda do rio. Essa família teria recebido 160 léguas de terras, "desde o Morro do Chapéu na Bahia até a nascente do rio das Velhas" (Barbosa, 1985, p.171).

²² Os núcleos urbanos consolidam-se na beira do rio São Francisco. Formam portos distribuidores de sal e bens agropecuários (Mata-Machado, 1991).

²³ A entrada partiu de São Paulo em abril de 1674.

²⁴ Na cidade de Ouro Preto.

ENTRE O SERTÃO REAL E O SERTÃO FICCIONAL ROSEANO

O Sertão... são muitos: adquire formas e conteúdos conforme a latitude e a longitude que ocupa. Espaço que realça os territórios desconhecidos e os aspectos naturais, o Sertão ou Desertão ou Deserto se impõe e não designa propriamente uma divisão política na colônia. Essa parece ser a tradição quase mítica da historiografia nacional ao se referir ao Sertão. Para o habitante da cidade, no entanto, o Sertão é o espaço desconhecido habitado por ‘bárbaros’; para o bandeirante o *hinterland* das riquezas; para a burocracia lusa, espaço de ‘exílio temporário’; para o criminoso espaço de ‘liberdade e esperança’ (Oliveira, 1998, p. 197).

O Sertão guarda uma tensão dialética: é espaço deformado, invertido, entrelaçado. Sertão ou Certão, em 1874 equivale ao coração das terras, o coração mediterrâneo em oposição ou em correspondência ao marítimo (Amado, p. 1995). Assim chegamos à distinção e, ao mesmo tempo, a aproximação de um tempo geográfico à de um tempo social em que as forças de profundidade agem no domínio do espaço e do tempo do indivíduo – todos atravessados pelo mar do Sertão. Quem nos levará a fazer esse movimento com o rigor da travessia será João Guimarães Rosa (JGR).²⁵ O escritor mineiro reconstrói o Sertão numa tensão permanente em que liga e religa o real ao Sertão *poese*.²⁶ Com uma inteligência curiosa e observadora o autor constrói o universo de sua temática literária – o Sertão e seus personagens. O espaço-tempo do Sertão em JGR é tratado ao mesmo tempo como categoria empírica, da linguagem e mítico-poética (Brandão, 2006). É o registro dos destinos coletivos e movimentos de conjunto.

JGR²⁷ conviveu desde a infância, com muitas estórias. A poucos metros da casa do escritor, a estação ferroviária da Estrada de Ferro Central do Brasil [EFCB]²⁸, símbolo da modernidade que chegara ao Sertão, incitará a imaginação de Joãozinho.²⁹ No ano de 1945 JGR prepara uma primeira excursão a Minas Gerais³⁰ e, em 1947, empreende viagem ao pantanal mato-grossense.³¹ No ano de 1952 retorna ao Sertão de Minas Gerais. Durante a viagem faz registros de tudo ou quase tudo que vê, ouve, sente e rememora. Em relação ao Cerrado registra: “Bonito é na seca: quando tudo esta crestado, seco, e só o canavial se destaca – verdinho,

²⁵ Médico formado em 1934, diplomata de carreira e escritor brasileiro do gênero conto, poesia, novela e romance. Nasceu em Cordisburgo-MG, cidade localizada no centro geográfico de Minas Gerais, em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro-RJ em 19 de novembro de 1967.

²⁶ Escreve no ano de 1936 o livro de poesias *Magma*; em 1946 é editada sua primeira obra – *Sagarana*; no ano de 1947, *Com o vaqueiro Mariano*; em 1956 publica *Corpo de Baile*, desmembrado em três livros: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá no Pinhém* e *Noites do Sertão*. Em 1956 publica *Grande Sertão: Veredas*; no ano de 1962 publica *Primeiras Estórias* e *Tutaméia: Terceiras Estórias*. São obras póstumas: *Estas Estórias* (1969) e *Ave, palavra* (1970).

²⁷ Atualmente a casa onde nasceu e viveu o escritor é o Museu Casa Guimarães Rosa, localizado no centro de Cordisburgo.

²⁸ A EFCB chegou a Cordisburgo em 1903. Dali fazia conexão com Corinto [antiga Curalinho] e seguia para Monte Azul, divisa com a Bahia.

²⁹ O movimento da estação será recontado no conto ‘Sorôco, sua mãe, sua filha’, no livro *Primeiras Estórias*.

³⁰ Recontada no livro *Estas Estórias* – ‘Entremeio: Com o Vaqueiro Mariano’

³¹ Recontada no livro *Ave Palavra* - ‘Sanga Puytã’, ‘Uns Índios (Sua Fala)’ e ‘Ao Pantanal’.

flagrante, uma faia [...]” (Rosa, 2011, p.25). Tudo o que vai tocando os sentidos de JGR é matéria prima em que a imaginação e o pensamento comporão a imagem poética e o real do Sertão. O Cerrado, por exemplo, bioma de árvores baixas, retorcidas e entremeadas por um substrato de gramíneas é o espaço das muitas travessias da literatura Roseana.

Figura 2 – Paisagem do Cerrado em Minas Gerais



Fonte: Foto Araújo, M. L. G, 2016.

Com itinerário preparado pelo vaqueiro Manoel Nadir – o Manoelzão – a comitiva sai da Fazenda Sirga [Três Marias] em 19 de maio e chega à Fazenda São Francisco [Araçaí], ambas de um primo do escritor (Figura 2). “A maravilhosa saída da boiada. Luz, alegria, festa, gritos. Multidão de vaqueiros. O gado sobe e encosta. Alegres. Encaracolam as caudas. Maravilha” (Rosa, 2011, p. 111). São dez dias pelo Sertão apartando gado. “A comitiva tem de levar água em odres [de couro] – ‘borracha’. É um saco de sola – ele está dependurado aí, nalgum alto, na beirada da casa” (Rosa, 2011, p.102). O Sertão em muito continua ligado à cultura do gado.

O rio das Velhas e o rio São Francisco invocam na obra de JGR paisagens, ora da água ou da imensidão do cerrado e toda sua diversidade biológica. “A grotta com o fundo riachinho temporário. O canto da saracura. O socó: cró-cró-cró. O belo pio do nhambu. À noite. A coruja. A raposinha” (Rosa, 2011, p.33). As veredas no caminho preenchem a paisagem. “O gado que amanheceu no curral. Sempre há de alguns um doce ruminar. Outros babam – quem rumina não baba” (Rosa, 2011, p. 89). As anotações das cadernetas retomam elementos físicos e metafísicos dispostos no meio da condição humana do sertanejo. As *veredas* – locais de grande concentração de umidade no Cerrado brasileiro e mineiro – são espaços que matam muitas sedes no texto rosiano.

Figura 3 – Veredas, oásis do sertão mineiro



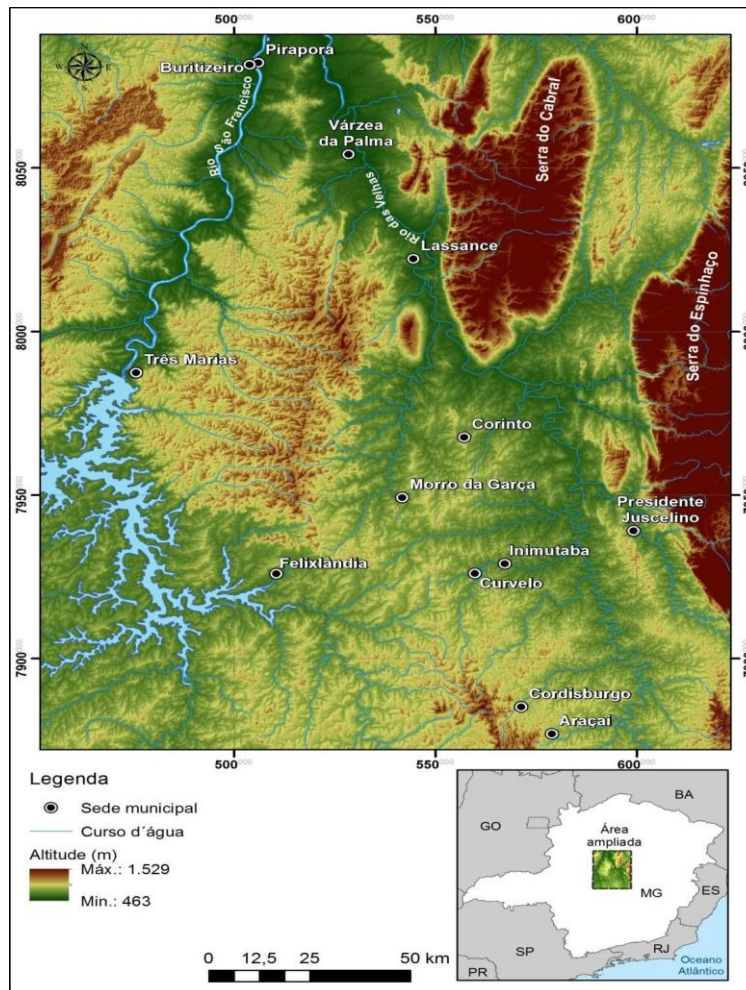
Fonte: Foto Araújo, M. L. G., 2016.

Na década de 1950, a instalação das primeiras siderurgias, em Sete Lagoas e Belo Horizonte, impõe mudanças na paisagem do cerrado: produzirá um processo lento e continuado de devastação com a produção comercial de carvão mineral. Nos anos de 1970 a modernização da agricultura introduz a cultura exógena do eucalipto e das pastagens que avançam ininterruptamente para o norte do estado: a cultura mercantil do Sertão cede lugar para a cultura capitalística sempre em busca de maiores lucros transmutando o território.

O itinerário do caminho da boiada é uma interseção entre o Sertão real e a obra do escritor, mar tão intenso de longínquos “caminhos trilhados pelos jagunços de *Grande Sertão: Veredas*, em sua demanda pelos campos gerais, e se configura como uma espécie de mapeamento da paisagem (...)” (Vasconcelos, 2011, p. 189-190). Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo, homem nascido no Sertão e que frequentou a lida de jagunço, narra o Sertão. Todas as suas ‘aventuras individuais’ são fundidas como ouro e couro numa realidade mais ampla e complexa imprimida pelo tempo da longa duração e o tempo médio – ‘realidade entrecruzada’ invertida no Sertão.

Ao se referir ao mar Mediterrâneo, Braudel lhe imprime uma força humana e ao mesmo tempo poética. Da mesma forma, o Sertão é essa “personagem complexa, embaraçosa, excepcional, que encepa as nossas medidas e definições” (Braudel, 1983, p. 21). Atravessado por vales, rios, espigões, matas ralas e crespas e as serras gerais está ligado a terra e aos homens. A sua ‘poesia é predominantemente rústica’; os sertanejos são também pequenos camponeses, posseiros e sem terra. O Sertão é o mar da luta cotidiana, dos vaqueiros, dos catadores, faiscadores de ouro e pedras preciosas, das pastagens que andam com o cerrado, dos alagados, tanto quanto dos bancos de areias movediças e remos que sobem e descem o rio São Francisco em frágeis canoas e pequenas embarcações de proa, dos pequenos mercados e mercadores. Dessa maneira, a história do Sertão não pode ser desgarrada da história do mundo terrestre – da geografia – que o envolve. O Sertão roseano é patrimônio histórico cultural.

Figura 4 - Região-território do Sertão de Minas Gerais



Fonte: Faria, S. D. & Luiz, C. H. P. SRTM: Embrapa. Base cartográfica: IBGE.

Patrimônio imaterial e material do sertão real e roseano e a Unesco - Para situar os conceitos de patrimônio no contexto da Unesco e sua subdivisão entre material e imaterial deve-se comentar as transformações do conceito de cultura utilizado pela instituição, no período compreendido entre sua criação, as últimas décadas do século XX e o despertar do século XXI. Em sua constituição, em 1945, a Unesco utilizava o conceito de cultura como “referente à obra e produção artística, e dentro dessa visão a preocupação com o patrimônio histórico e cultural da humanidade” (Silva, 2012, p.5). Até os dias atuais o conceito de cultura foi-se modificando e pode-se perceber quatro fases (Unesco, 2010, p.7). Entre os anos de 1950 e 1960, o conceito de cultura esta próximo da produção artística e abarca o conceito de identidade cultural. Na fase seguinte [1970 e 1980] há uma tomada de consciência entre a relação de cultura e desenvolvimento. Os anos de 1980 e 1990 inserem temas como a exclusão e discriminação de minorias. Os anos de 1990 e 2000 valorizam a diversidade cultural. Atualmente, a Unesco considera a cultura como um “processo contínuo, maleável e evolutivo e aponta a diversidade cultural como condição essencial para a paz e o desenvolvimento sustentável” (Unesco, 2010, p.7). O turismo cultural e a Unesco possuem uma relação simbiótica. Desde os anos 1960 a

instituição enviava missões aos países solicitantes para proporem “diretrizes para o turismo cultural” (Pereira, 2012, p. 9). A partir de 1978 a Unesco passa a incluir bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial, incentivando a prática turística.

Quanto ao termo patrimônio cultural, tem sido utilizado por diferentes profissionais com um sentido comum: o de herança e legado histórico (Meneses, 2006). O conceito de patrimônio ao referir-se a cultura amplia seu significado. Num primeiro momento eram contempladas as “obras e obras-primas” (Choay, 2006, p. 11). Incorpora o elemento histórico se denominando patrimônio histórico e artístico. Ao absorver a ideia de cultura, como tudo aquilo “que se constrói na vivência coletiva, fruto de difusões de culturas distintas e de criações e saídas novas para problemas cotidianos” (Meneses, 2006, p. 43) se transforma em patrimônio cultural. Segundo Alfonso (2001), patrimônio cultural é um conjunto de elementos e manifestações realizadas por uma sociedade ao longo de sua história e que a diferencia de outros povos e lhe confere identidade. Pode ser dividido em patrimônio material – bens móveis e imóveis – e patrimônio imaterial – os aspectos ideacionais da vida de uma comunidade (Alfonso, 2001).

A chancela internacional do valor da cultura imaterial é dada pela Unesco na Convenção de Paris [2003] (Donaire, 2012). Entre os diversos argumentos destaca: a conclamação a comunidade internacional a contribuir na salvaguarda deste patrimônio num espírito de cooperação e ajuda; e a consideração do “papel inestimável do patrimônio cultural imaterial como fator de aproximação, intercâmbio e entendimento entre seres humanos” (Unesco, 2003, p. 3). O turismo surge como instrumento de valorização e conservação dos bens culturais (Pereira, 2012). Apesar da distinção entre patrimônio material e imaterial, Alfonso (2001) alerta que ao se estudar o patrimônio cultural de uma sociedade não se deve separar um objeto dos demais elementos e sujeitos [comunidades, grupos sociais] a que pertencem, tais como, o meio ambiente onde vivem, sua concepção de mundo, a forma de obtenção e preparo de alimentos, de reverenciar a morte, de diversão, de elaborar artefatos e festividades, enfim é o conjunto da condição humana no tempo e no espaço que permite uma compreensão da cultura do outro, afinal, toda cultura é objeto da história.

A obra Roseana passa a ser então um elemento de mediação entre culturas passadas e o cotidiano de uma determinada região, no caso o Sertão. Para Meneses (2006), a mediação possibilita “o entendimento, a contextualização e a memorização prazerosa, que permanece na mente e estimula a busca de novos entendimentos e prazeres” (p.20); “a interpretação de significados que necessitam se tornar presentes” (p. 88) e finalmente a mediação como um ‘sinal de empoderamento social’³² (Hanley & Walton, 2010). Estas possibilidades da mediação, neste caso utilizando a literatura como meio, levam a apreensão e interpretação do patrimônio tanto material e imaterial que podem aguçar o interesse de diferentes pessoas e contribuir a que se desloquem de seu local de residência para ir ao encontro de outra cultura, o que torna o turismo cultural pela via da literatura uma alternativa para a valorização e conservação do patrimônio histórico cultural, nesse caso, do Sertão roseano e sua descoberta

³² Os autores fazem referência ao arcabouço teórico de Pierre Bourdieu.

pelo turista.

Auscultando a literatura roseana o turista em busca dessa cultura pode [re]descobrir e traçar novas rotas e ‘caminhos da boiada’. A visitação aos museus regionais, por exemplo, é uma porta de entrada: em Cordisburgo, o Museu Casa Guimarães Rosa; em Morro da Garça, a Casa da Cultura do Sertão. No trajeto, as paisagens do cerrado, o terreno, as formações geológicas [gruta de Maquiné, o morro da Garça], o encontro com sertanejos e sua linguagem, os sabores típicos, os sentidos da vida no sertão. Travessia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1452 já se tinha notícias da existência de terras a noroeste das ilhas Açores. Em 1500 o Brasil é descoberto. Expedições de colonizadores, as entradas e bandeiras, tornaram-se comuns no desbravamento das terras e no apresamento indígena. Considerados ‘bárbaros’ no imaginário do colonizador, a presença da igreja católica nos territórios das missões acabou por favorecer a guerra contra os ‘bárbaros’. O gigantismo do território colonial associava-se as dificuldades em ocupá-lo. No processo de colonização os bandeirantes, homens obcecados pela riqueza, eram levados cada vez mais longe, sem, no entanto, alcançarem êxito. Sucessivas expedições pelos territórios da Bahia e Pernambuco nos séculos XVII e XVIII contribuíram para a ocupação das terras dos Sertões do norte de Minas Gerais. Funda-se o sistema econômico baseado na economia do gado. O tempo da longa e média duração está consolidado.

Desde 1946, quando é publicada a primeira obra de João Guimarães Rosa, *Sagarana*, a ficção regionalista do escritor recria a atualidade do Sertão, especialmente no enquadramento espacial do centro norte de Minas Gerais. A cavalgada empreendida pelo escritor em 1952 será decisiva para definir o Sertão na sua *poese*: é movimento do tempo e do espaço. Em *Grande Sertões: Veredas*, o personagem Riobaldo, vaqueiro e ex-jagunço, faz de sua narrativa uma indagação sobre o Sertão: o viver e o não viver no Sertão. Narra a história do tempo passado e presente do Sertão – a do indivíduo entrelaçado no mar Sertão perigoso: pântano sumidouro com destaque para os rios das Velhas e São Francisco, as paisagens naturais do cerrado, as boiadas, o universo dos vaqueiros, a toada, a morada e a religiosidade. O sertão das ‘gerais’ forma-se nesse contato das coisas animadas e inanimadas e seu movimento lentíssimo, na produção do tempo social e da sociedade interiorana e rústica das ‘gerais’ e das ‘minas’ capaz de produzir mestiçagens e outras culturas atravessadas pelas singularidades contidas no vasto mar daquela cultura histórica única.

A obra Roseana é um elemento de mediação entre culturas passadas e o presente do Sertão em Minas Gerais. A literatura é [re]criação humana do Sertão que possibilita o entendimento de realidades concretas, e, ao mesmo tempo, metafísicas, pela contextualização dessas realidades no tempo e no espaço, pela [re]descoberta individual das totalidades que dão contorno histórico, geográfico e social ao Sertão em Minas Gerais. As possibilidades da literatura como meio para a promoção de um turismo cultural levam a apreensão e interpretação do patrimônio histórico cultural do território-região e que podem aguçar o interesse de diferentes pessoas e contribuir a que se desloquem de seu local de residência

para ir ao encontro de outra cultura, o que torna o turismo cultural uma alternativa para a valorização do patrimônio histórico-cultural do Sertão roseano.

Conhecer a história desta região-território, a influência do meio no desenvolvimento da cultura regional e local, do patrimônio material e imaterial ali construído com suas diversas manifestações passa a ser de fundamental interesse para apreender as relações mais elementares e, ao mesmo tempo, mais profundas entre o Sertão, seu meio ambiente e sua cultura. Interpretar a história, refletir sobre ela e também divulgá-la a partir das diversas possibilidades, dentre elas o turismo cultural, é uma forma de valorização e vivência desse meio ambiente e toda sua diversidade socioespacial e, por conseguinte, do patrimônio cultural e histórico que guarda.

Muito do imaginário e simbólico da obra roseana consiste em uma interpretação autoral e dialética da realidade do Sertão. JGR apontou caminhos, trilhas encruzilhadas – o Sertão é o mundo-mar-oscilante, revolto, [des]contínuo – construção histórico-social inquieta transmutada muitas vezes em patrimônio histórico e cultural. Região-território em que o tempo de longa duração e média duração estão atados no tempo presente – velhos ciclos, novos ciclos, interciclos – que garantem o movimento da história em permanente [re]construção/transmutação. O mundo do sertão roseano emerge com a obra literária de JGR; à experiência turística cabe interpretar esse outro mundo – [re]descobri-lo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, J. C. H. de. (1998). *Capítulos de história colonial do Brasil: 1500 – 1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal.
- Academia Brasileira de Letras. [João Guimarães Rosa](#)
- Alencastro, L. F. de. (2000). *O tratado dos viventes: formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Alfonso, M. J. P. (2001). *De la teoría a la práctica antropológica: el museo como referencia: materiales de apoyo docente*. Alicante: Universidad de Alicante.
- Amado, J. (1995). [Região, sertão, nação](#). *Estudos Históricos*, 8(15), 145-151.
- Barbosa, W. de A. (1985). *Dicionário da terra e da gente de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Brandão, L. A. (2006) [Leituras do espaço rosiano](#). *O eixo e a roda*, 12, 343-350.
- Braudel, F. (1983). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II*, V. I e II. Lisboa: Publicações Dom Quixote; São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Braudel, F. (2014). *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva.



- Braz, B. (1977). *São Francisco nos caminhos da História*. São Francisco: Lemi.
- Choay, F. (2006) *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP.
- Del Priore, M. & Venancio, R. (2010). *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Del Priore, M. (2000). *Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus.
- Donaire, J. A. (2012). *Turismo cultural: Entre la experiencia y el ritual*. Bellcaire d'Empordà: Ediciones Vitel-la.
- Hanley, K. & Walton, J. K. (2010). *Constructing cultural tourism: John Ruskin and the tourist gaze*. Bristol: Channel View Publications.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Minas Gerais](#).
- Mata-Machado, B. (1991). *História do sertão noroeste de Minas Gerais: 1690-1930*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Meneses, J. N. C. (2006). *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nimuendaju, C. (1981). *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Oliveira, J. P. De & Freire, C. A. da R. (2006). *A presença indígena na formação do Brasil*. Brasília: Mec/Unesco.
- Oliveira, L. L. (1998). [A conquista do espaço: o sertão e fronteira no pensamento brasileiro](#). *História, Ciências, Saúde*, 5 (suplemento), 195-215.
- Pereira, A. B. (2012). Mata Atlântica: uma abordagem geográfica. *Nucleus*, 6(1), 27-52.
- Pereira, C. R. (2012). *O turismo cultural e as missões Unesco no Brasil*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE, Recife, UFPE.
- Quintero, J. V. (1998). El pensamiento braudeliano frente a la Historiografía y las Ciencias Humanas: una propuesta innovadora en el conocimiento histórico. *Clio*, 6(22), 81-97.
- Rosa, J. G. (1970). *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Rosa, J. G. (2011) *A boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. *Estas Estórias*. (1969). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Rosa, J.G. (2001). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, L. F. (2012). Unesco, cultura e políticas culturais. *Anais... XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil*. UFPI, Teresina (PI).

Tapajós, V. (1944). *História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Unesco Etxea. [dokumentuak/Cultura desarrollo](#)

Unesco. [Cultura](#)

Vasconcelos, S. (2011). Sertão e memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa, in: Rosa, J. G. A boiada, p. 187-202. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Viola, L. C. V. de. (1998). O eu por detrás de mim: semiótica e psicanálise em Guimarães Rosa, in: Mendes, L. B.; Viola, L. C. V. de. *A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa*, p. 101-130. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Recebido: 19 JUN 2017

Avaliado: JUN-JUL

Aceito: 6 AGO 2017

